

ANÁLISE CRÍTICA DA CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO
E DO MANUAL DIDÁTICO*

Teresinha de Moraes Brenner**

A crise política nos últimos vinte anos determinou, no Brasil, uma orientação fechada sobre ensino e material didático na escola brasileira. Competindo com uma política da Escola Tradicional, orientada para uma Gramática Tradicional, surgem duas diretrizes dos Estados Unidos: uma, retomando uma filosofia humanista, na linha chomskiana, e a outra direcionada para o estruturalismo bloomfieldiano, associada a uma psicologia skinneriana, que imprimiu uma pedagogia definida dentro da América Latina. Entre essas lideranças, engatinha a Lingüística Aplicada no Brasil que, além das limitações de uma política de pesquisa da Lingüística no mundo ocidental, ainda sofreu as pressões de um regime político que podou toda criatividade e iniciativa. Assim, os professores ficam desorientados, em sala de aula, quanto à orientação a seguir. Os manuais didáticos são limitados e exigem uma revisão muito grande, relativamente a conteúdo, aplicação dos conhecimentos da Lingüística Geral à área da Educação e, sobretudo, relativamente à reciclagem do corpo docente.

* O presente trabalho foi apresentado no VIII Congresso International da ALFAL, Associação de Lingüística e Filosofia da América Latina, realizado em San Miguel de Tucuman, Argentina, em setembro de 1987.

** Professora do Deptº de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC.

Os textos dos manuais e cartilhas são pobres, escritos dentro de uma ideologia definida e a gramática ensinada carece de uma reavaliação profunda, quanto a sintaxe, morfologia e fonologia. Necessitam, sobretudo, de um planejamento mais amplo, com um programa de ensino gramatical dentro de uma filosofia lingüística definida, e observância aos princípios lingüísticos que norteiam a estruturação da língua. Uma análise de manuais em circulação aponta todas as deficiências no ensino da língua acima arroladas e clama por um novo planejamento educacional.

Os textos de cartilhas de alfabetização, escritos de 1970 aos dias de hoje, no Brasil, norteiam-se por uma ideologia conservadora, não direcionada para o desenvolvimento da criatividade lingüística.

A filosofia chomskiana, apoiada em princípios cartesianos, interpreta o homem, o falante comum, como criativo e potente para a capacidade da linguagem. Essa potencialidade organiza-se numa gramática interior do falante que, dominando as regras abstratas, gerais do sistema lingüístico, torna-se apto para o desempenho criativo da língua.

Ocorre que os textos das cartilhas, na sua maioria, pautam-se pela filosofia da Gramática Tradicional que se articula com o Ensino Tradicional da escola brasileira e que - excetuando-se alguns textos de manuais que avançam em busca da criatividade - ainda vive cercada pelos limites regime político e, consequentemente, da pesquisa na área educacional.

Um manual de alfabetização com bastante circulação no mercado e boa aceitação nas escolas de Florianópolis é "Sítio do

Pica-Pau Amarelo", de Casasanta & Gondim. Representa um dos manuais da atualidade que visa à criatividade. Seu método de ensino apóia-se em textos. Daí decorre o questionamento de todo alfabetizador sobre qual o método mais adequado: o apoiado em textos, frase, palavra ou o fonético.

A questão dos métodos de alfabetização liga-se a processos e habilidades mentais. Os métodos globais - texto, frase ou palavra - respondem às exigências lingüísticas da teoria da comunicação: o aluno só aprende através de estruturas significativas da língua. Quanto à seleção de texto, palavra ou frase como elemento básico do processo de alfabetização, para um determinado grupo de alunos, responde-se que a escolha depende diretamente dos resultados dos testes psico-sócio-lingüísticos aplicados a esse grupo específico. Sabe-se, por pesquisas, que a criança das classes mais desfavorecidas trabalha melhor com métodos globais que repousam nos elementos significativos da língua, enquanto a criança mais privilegiada socialmente apresenta bom desempenho também nos métodos fonéticos e silábicos (Camargo, apud Brenner, 1985). O processo mental de análise-síntese realizado pelo alfabetizando corresponde à descomposição em constituintes imediatos efetivada pela lingüística, em nível mais abstrato de análise. Portanto, se um alfabetizador optar pelo método do texto deve conscientizar-se de que seu grupo de alunos possui estrutura mental de análise-síntese para abarcar todo o processo sintático-semântico-morfológico e fonético contido no texto. Alunos com muita dificuldade para análise-síntese - incluídos os processos mentais de identificação, seleção, caracterização, relação, classificação, conclusão e aplicação - em

muitos casos, só podem ter a palavra como elemento global inicial do processo de codificação e decodificação da língua escrita. Resalte-se, no entanto, que essa deve inserir-se em contexto mais amplo e vivo - experiências infantis, histórias, dramatizações - antes de introduzir-se no processo de leitura e escrita propriamente dito.

As autoras da obra mencionada acima, "Sítio do Pica-Pau Amarelo", elaboraram texto baseado em história infantil de autor bastante conhecido no Brasil, Monteiro Lobato. O pré-livro mantém unidade pela seqüência dos diferentes textos, constituindo-se num grande texto.

Seus textos compõem-se, na maioria dos casos, de quatro frases, sendo, pois, pouco extensos. Organizam-se em torno das estruturas verbais mais elementares da língua: verbo "ser" e verbos intransitivos e, em terceiro lugar, verbos transitivos diretos. Os verbos flexionam-se no presente do indicativo e o futuro representa-se por IR + INFINITIVO. Aparecem, ainda, estruturas correntes no uso infantil: formas imperativas e diminutivas afetivas (Brenner, 1986:39-41).

Como se vê, a estrutura lingüística caracteriza-se como simples, mas o texto peca por redundância. A repetição, quando bem usada, particulariza-se como elemento poético, quando excessiva, traz o desgaste. Nessa obra, montada sobre a repetição, a redundância atinge o ruído no processo comunicativo, no conjunto do trabalho, e alcança, também, em alguns momentos, a poesia.

Veja-se um exemplo de processo usual de repetição no léxico e na sintaxe verbal:

"Este é o Rabicô.

Rabicô é um porquinho comilão.

Rabicô come assim: nhoque, nhoque, nhoque" (Casasanta & Gondim, p.16).

Observe-se um momento de poeticidade:

"O espantalho balança.

Ele balança os braços,

prá lá, prá cá...

Ele balança as pernas,

prá lá, prá cá...

Ele balança a cabeça,

prá lá, prá cá...(Idem, p.59).

Com isso, quer-se alertar para os processos repetitivos nas obras didáticas, na sua grande maioria, mal empregados.

Outra crítica que se pode fazer a autores de cartilhas, em geral, e que se aplica ao manual em estudo, refere-se à organização de equipe interdisciplinar no planejamento da obra. Nesse caso, verifica-se que faltou um lingüista na equipe. No manual de orientação ao professor e no caderno de atividades, as autoras ressaltam a importância da discriminação auditiva para estudos dos fonemas. Constatata-se, no entanto, que confundem grafema e som. Seu estudo apóia-se no processo gráfico, quando hoje, se preconiza o processo fônico-gráfico. Elas, ao iniciarem as atividades de excano são em sílabas com a palavra "Rabicô", destacam "cô" [=K] e, a partir dessa sílaba, criam "bico" (Brenner, 1986:46). Com "cô", criam "mico" e "comi". "E" de "ela" constitui a base de aprendizagem para "E" de "Emília" (Id.ibid).

Essa confusão no nível fonemático da língua acentua-se nas cartilhas mais populares e difundidas no mercado.

Verifique-se "A cartilha mágica". A primeira página, contendo cinco palavras básicas "índio", "uva", "estrela", "ovo" e "alface", introduz as letras do alfabeto que representam as tradicionais cinco vogais, quando se sabe que são sete as vogais orais do Português. Excetuando-se "u" e "o" de "uva" e "ovo", respectivamente, duas outras vogais inserem-se em sílabas travadas, "estrela" e "alface" e "i" de "índio" classifica-se como vogal nasal. Pondera-se, ainda, que "al", de alface, realiza-se como ditongo [aw] o que constitui dificuldade gráfica para a criança (Brenner, 1986: 45-6).

Observe-se, ainda, a introdução da letra "x" pela autora e o acúmulo de dificuldades gráficas que envolve numa única lição, comprovando, desse modo, as restrições feitas ao método gráfico. Constatata-se, outrossim, a pobreza de conteúdo do texto.

peixe

peixe

pei-xe

O peixe vive na água.

Ele come a isca do pescador.

O pescador pesca o peixe.

Você gosta de peixe frito?

xa	xe	xi	xo	xu
xa	xe	xi	xo	xu
(x)	(s)	(ss)	(z)	(qs)
lixa	explica	próximo	exame	taxi
coxa	externo	trouxe	exato	durex

(Gonçalves, 1983:46).

Verifica-se, ainda, que a autora explora palavras de pouco significado para a criança ou de conteúdo semântico vazio. Observe-se o resultado da combinação silábica propiciada pela análise-síntese.

A	na	Be	to	ca	ma	fa	da	ga	lo
a	na	ba	ta	ca	ma	fa	da	ga	la
e	ne	be	te	que	me	fe	de	gue	le
i	ni	bi	ti	qui	mi	fi	di	gui	li
o	no	bo	to	co	mo	fo	do	go	lo
u	nu	bu	tu	cu	mu	fu	du	gu	lu

(Gonçalves, 1983:19)

Palavras como "unu", "ini", "biti", "cumu", para exemplificar, não pertencem ao léxico do Português (Brenner, 1986:46).

Apresentou-se, anteriormente, restrições ao método fonético de alfabetização. Ele se insere entre os métodos de ensino apoia

dos nos condicionamentos, difundidos pelo behaviorismo americano após a Segunda Guerra Mundial. A cartilha "A Casinha Feliz" fundamenta-se numa "fonação condicionada e repetida" e se apóia em mecanismos de automatização, visando à formação de condicionamentos.

Como o método classifica-se como fônico e se baseia no som e sendo o som não significativo, criam-se condicionamentos para a aprendizagem. Assim, o "p" representa-se pelo martelo, o "b" lembra o barulho da motocicleta e o "F", a forma da sombrinha (Brenner, 1986:48-9).

Os textos são pobres e giram em torno de histórias que criam os condicionamentos necessários para a aprendizagem das letras. Comprova-se, a seguir:

12 - Os ajudantes

Chegou um ajudante para cada morador.

O ajudante da mamãe fazia m m m. Como quem quer dizer mamãe e só diz o começo da palavra.

O ajudante do nen era parecido com o da mamãe, só que menorzinho e fazia n n n como um nenê começando a falar.

O ajudante do papai parecia um martelo e fazia p p p.

O ajudante de Vovô, Vavá Vevé e Vivi veio das asas de um passarinho. Fazia barulho de asas voando: v v v.

Finalmente aquele dedo que Vovô mandou fazer para brincar com os netos: d d d.

24 - A cadeirinha

- Hoje tem cadeirinha! - a Vovô disse isto batendo com a cadeirinha no chão! O cocó, pensando que ia de novo para a panela,

correu para se esconder e ficou chiando de medo atrás da cadeirinha: ch ch ch.

Nenen viu isto e quando queria fazer manha, se escondia atrás da cadeirinha fazendo assim: nhém nhém nhém.

O lápis também se escondeu atrás da cadeirinha com medo que a professora viesse fazer sua ponta: lhê lhê lhê.

Reclama-se, ainda, que os manuais não atendem à necessidade de regionalização do ensino: são obras que veiculam numa ideologia nacional para todos os estados brasileiros. Lembre-se, no entanto que regionalização exige especialização nas diferentes áreas de ensino para uma determinada experiência educacional. Constatase, justamente, deficiência nessa especialização. Nesses últimos anos, fez-se uma cartilha de alfabetização de cunho político para o município de Itajaí, Santa Catarina. Verifica-se que faltou um especialista na área de Lingüística Aplicada.

A cartilha pauta-se pelo método eclético silábico. Nesse sentido, o texto é mal explorado. Veja-se a primeira lição. Há problemas no título e no arranjo dos elementos abaixo do texto, para que se enquadrem dentro das exigências da análise em constituintes imediatos: falta a representação do nível frásico e o nível vocabular deveria anteceder o silábico. E não se especifica, com clareza, no manual do professor, como se usa o texto. Segue-se a primeira lição da cartilha.

can a

ca + na

Seu Joca, de Espinheiros, planta cana.

A cana é muito útil.

Com ela se faz: açúcar, álcool, vinagre e melado.

Mesmo com tanta cana plantada, você não acha que o açúcar e o álcool estão muito caros?

Ca	Co	Cu	
oca	acua	cacau	coca
caco	cuca	cuíca	ecoa
cuia	coco	caiu	cuco

Desenvolve-se em torno da palavra geradora "cana". O conteúdo versa sobre a plantação de cana no interior de Itajaí, sua utilidade e a carestia dos produtos derivados. O texto abrange quatro frases, sendo três simples e uma final, complexa:

[SN + VTd + SN]S

[SN + Vlig + [Adv + Adj] Sadj]S

[SPrep + VTd + Pro + SN + SN + SN + Conj + SN]S

Int [SPrep + Pro + Neg + VTd + [SN]S2]S1

O texto envolve várias operações sintáticas. Na primeira frase, após o núcleo do sujeito, insere-se SPrep especificador de origem. Na terceira, há deslocamento de SPrep e ocorre um verbo transitivo direto acompanhado da partícula "se" indeterminante do

sujeito e seguida de dois pontos introdutores de objeto direto com posto de quatro elementos. A quarta estrutura frasal é interrogativa, sendo a oração principal negativa e a encaixada, objetiva direta. O sintagma preposicional inicial possui função adverbial opositiva (Brenner, 1985:37-9).

O nível fonemático desenvolve-se no plano gráfico e não, fônico-gráfico: a sílaba básica caracteriza-se como nasalizada - [kē] - e as sílabas consideradas básicas trabalham-se no nível da oralidade, o que dificulta a aprendizagem.

Quanto à temática, o texto retrata a preocupação econômica que vive o quotidiano brasileiro. Constitui, pois, tema da atualidade e da vivência da criança nos centros urbanos, na periferia e na zona rural. Entretanto, a cartilha tradicional não trabalha dessa maneira. Os assuntos da vivência infantil selecionam-se entre os de concretização mais próxima, não envolvendo nível sócio-econômico mais abstrato. Nesse sentido, há um avanço muito grande no manual. Propicia um questionamento e reavaliação dos valores da criança a serem feitos pela geração adulta da atualidade. Conduz a que se verifique até que ponto a política e a economia são distantes da criança e em que dosagem esses conteúdos se podem introduzir num manual de alfabetização (Brenner, 1986:42 e 56).

Quanto aos manuais não especificamente de alfabetização, constatam-se os mesmos problemas inicialmente apontados: geralmente, o conteúdo dos textos aponta-se como fraco, isto é, pouco informativo e/ou criativo, desatualizado e fora do interesse do aluno.

Seleciona-se para exemplificar este trabalho manual cuja autora propõe como objetivo "o exercício do refletir e aprender a vida". Pretende-se, aqui abordar, brevemente, a primeira lição da obra "Linguagem Vivenciada", escrita para a segunda série do primeiro grau. Essa unidade introdutória compõe-se de um texto "Meus Pais", da autoria de Roberto Gomes, e de sete seções em que se propõe o estudo do vocabulário, de conteúdos gramaticais e em que a autora traz o questionamento da temática focalizada no texto para aplicação à vida dos alunos.

O texto inicial relaciona-se intimamente à vivência infantil - a família. Não se fecha numa abordagem tradicional, mas se abre numa crítica à estrutura sócio-política-econômica da família. Segue-se o texto.

Meus Pais

Seus pais eram gozados, pensou o menino. A mãe sempre preocupada com a casa, limpando, esfregando, costurando, exigindo que cada coisa estivesse no seu lugar. Por mais que ela se penteasse, o menino achava que sempre estava despenteadada. E que falava demais, aos berros, as mãos girando em todas as direções, como um catavento desgovernado.

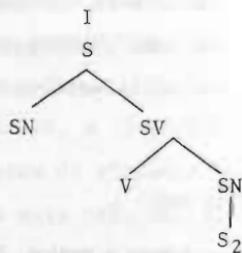
O pai era outro tipo. Não ria nunca, estava sempre cansado, sempre precisando levantar cedo para tratar de negócios, sempre reclamando de um chefe que, além de gordo, era muito pão duro. Parecia um homem triste, pensava o menino, vendo o pai chegar em casa, jogar a pasta num canto e arriar no sofá. O rosto vermelhão e a cara de quem carregou pedra o dia inteiro.

(Roberto Gomes, apud Persuhn, p.7).

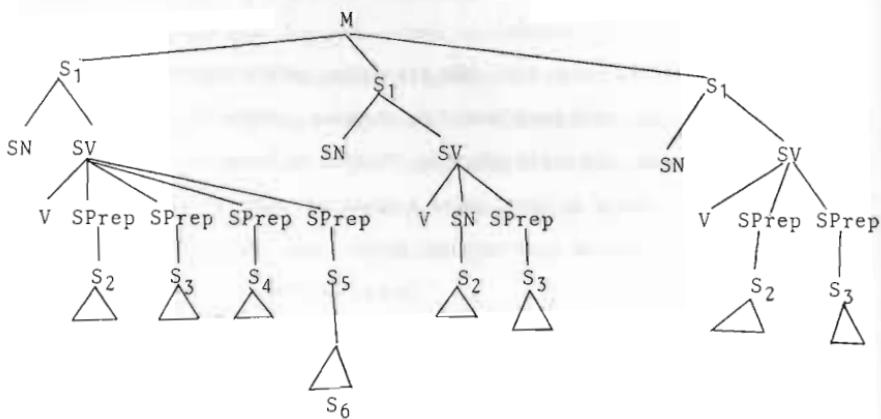
Veja-se a complexidade sintática que encobre o nível semântico do texto e, portanto, o nível extra-lingüístico envolvido num processo de compreensão da leitura. Observe-se o esquema sintático:

- 1ª frase: duas orações
- 2ª frase: seis orações
- 3ª frase: três orações
- 4ª frase: três orações
- 5ª frase: uma oração
- 6ª frase: sete orações
- 7ª frase: seis orações
- 8ª frase: duas orações

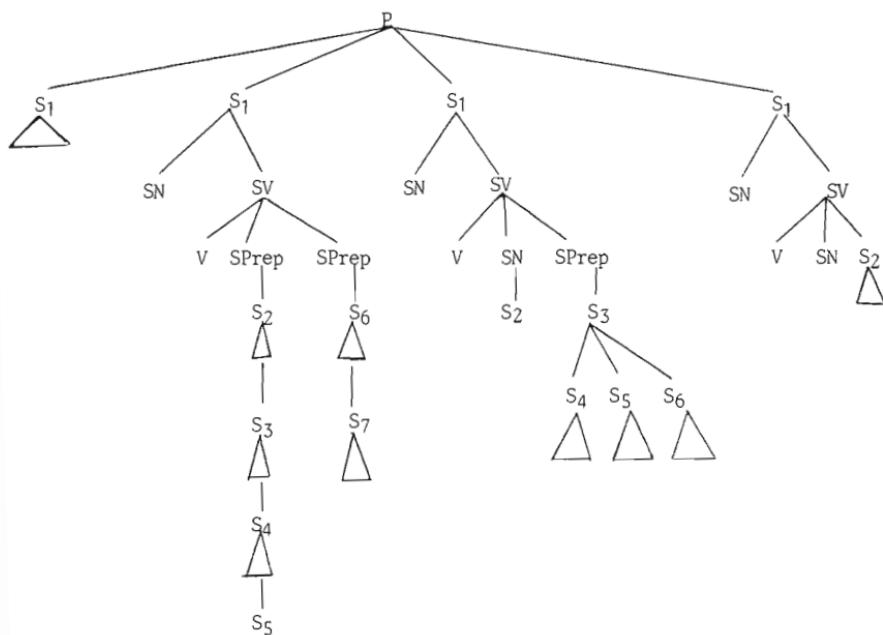
A introdução contém apenas uma sentença.



A segunda parte - descrição da mãe - abrange três sentenças.



A terceira parte - descrição do pai - compõe-se de quatro sentenças.



Apesar da riqueza propiciada pelo texto, não dedica a autora seção especial para analisá-lo oralmente ou por escrito com os alunos. A exploração da temática do texto dilui-se nos exercícios de vocabulário e na gramática e nos exercícios de aplicação à vida prática do aluno.

Critica-se essa primeira unidade pela introdução de excesso de conteúdos gramaticais e de nomenclatura - considerando-se que se trata de lição introdutória para a segunda série. Trabalha-se com sinônimo (inclusive nomenclatura), com antônimo por prefixação,

com silabação, com treino caligráfico e com conceituação de frase (incluindo nomenclatura).

Relativamente à gramática, tem-se que revisar dois conceitos básicos apresentados como títulos de secções da unidade: "Faland o e escrevendo certo" e "Automatizando". O primeiro trabalho estuda a silabação sob a dimensão do conceito tradicional de certo e errado. Sob o último rótulo, desenvolve-se o conceito de frase. Verifique-se que o estudo gramatical fica sob a perspectiva da automatização. Anteriormente, o aluno já fez o "treino caligráfico". O estudo da frase introduz-se pelo método dedutivo: após três exemplos, apresenta-se o conceito de frase e, a seguir, aparecem os exercícios. Nesse momento de aprendizagem, o método dedutivo parece bastante avançado. O campo conceitual também se apresenta como abstrato para o aluno: "frase é o conjunto de palavras que expressam alguma idéia". Por outro lado, frase nem sempre se constitui por "conjunto de palavras" e frase não expressa somente "idéia".

Com isso, quer-se mostrar que a atividade gramatical não se caracteriza como criativa e a riqueza do texto introdutório perde-se sem atividade específica de interpretação.

Para concluir, o que se quer enfatizar é que se trata de manual considerado como dos mais criativos pela comunidade escolar catarinense, quando, na verdade, apresenta lacunas bem visíveis. O problema enquadra-se numa política mais ampla do ensino, de confecção do livro didático e de pesquisa educacional. A este trabalho compete reivindicar uma função mais decisiva para a Lingüística Aplicada na área do ensino da língua materna.

RESUMO

Este trabalho aponta alguns problemas que enfrenta o ensino da língua materna, no Brasil, relativamente a textos de alfabetização e manuais didáticos de ensino de 1º grau. As dificuldades resultam da política educacional vigente e, consequentemente, da filosofia de ensino da língua materna que subjaz a elaboração de um manual didático.

O texto foi apresentado no VIII Congresso Internacional da ALFAL, Associação de Linguística e Filosofia da América Latina, realizado em San Miguel de Tucuman, Argentina, em setembro de 1987.

ABSTRACT

This work points out some problems concerning the teaching and the learning of the portuguese language in Brazil and it includes the analysis of texts related to the learning of writing and reading and other text written to the pupils of the 1st level. The difficulties are due to the educational politics and, consequently, to the philosophy of the teaching of the maternal language.

BIBLIOGRAFIA

1. Lingüística

BRENNER, Teresinha de Moraes. Lingüística aplicada ao ensino do português: subsídios para um planejamento do ensino. Letras de Hoje, Porto Alegre, PUC-RGS, 54:44-63, dez 1983.

BRENNER, Teresinha de Moraes. Lingüística aplicada ao manual de alfabetização. Florianópolis, UFSC, 1986.

BRENNER, Teresinha de Moraes & ZANDOMENEGO, Diva. Análise do manual didático. Florianópolis, UFSC, 1986 (mimeo.).

LEAL, Elisabeth et alii. Análise da cartilha de alfabetização "Aprendendo a ler Itajaí". BRENNER, Teresinha. Análise da organização das lições do ponto de vista lingüístico. Cadernos do CED. Florianópolis, UFSC, 6:34-62, 1985.

2. Manuais didáticos

CASASANTA, Therezinha & GONDIM, Maristella. Sítio do Pica-Pau-Amarelo: pré-livro. 2.ed. Rio de Janeiro, Bloch Educação, 1981.

_____. Sítio do Pica-Pau-Amarelo: pré-livro, atividades. 3.ed. Rio de Janeiro, Bloch Educação, 1982.

_____. Sítio do Pica-Pau-Amarelo: pré-livro, professor. Rio de Janeiro, Bloch Educação, s.d.

GONÇALVES, Lena Maria. A cartilha mágica. 173.ed. São Paulo, Brasil, 1983.

MEIRELES, Iracema. A casinha feliz: cartilha pela fonação condicionada e repetida e 1º livro de leitura. 19.ed. Rio de Janeiro, Record, 1984.

_____. A casinha feliz: textos, 1º livro de leitura. Rio de Janeiro, Record, s.d.

_____. A casinha feliz: cartilha pelo método da fonação condicionada e repetida, manual do professor. Rio de Janeiro, Record, s.d.

PERSUHN, Janice Janet. Linguagem vivenciada: o exercício do refletir e aprender a vida, livro do mestre. São Paulo, Brasil, 1985. 1º grau, 2ª série.

Aprendendo a ler Itajaí: cartilha de alfabetização. Itajaí, Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal, s.d. 1º grau, 1ª série.

Aprendendo a ler Itajaí: cartilha de alfabetização, orientação metodológica. Itajaí, Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal, s.d. 1º grau, 1ª série.